

BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR

N.º 39



MARCELLINO MESQUITA

LEONOR TELLES

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS

ORIGINAL

*Representado com grande successo
nos theatros de D. Maria II e D. Amelia em Lisboa
e S. João no Porto*

3.^a EDIÇÃO



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
(CASA FUNDADA EM 1890)
60 — Travessa de S. Domingos — 60
LISBOA

PERSONAGENS

D. LEONOR TELLES, Rainha de Portugal...	<i>Virginia</i>
D. MARIA TELLES, irmã da Rainha	<i>Emilia dos Anjos</i>
D. HELENA, filha do Conde Andeiro.....	<i>Rosa Damasceno</i>
D. FERNANDO I, Rei de Portugal	<i>Brazão</i>
D. JOÃO, Mestre d'Aviz	<i>Augusto Rosa</i>
D. JOÃO DE CASTRO { Irmãos do rei.....	{ <i>Posser</i>
D. DINIZ.....	{ <i>João Rosa</i>
D. JOÃO FERNANDES ANDEIRO.....	<i>A. Antunes</i>
D. JOÃO LOURENÇO DA CUNHA	<i>Baptista Machado</i>
GIL VASQUES DE REZENDE, aio de D. Diniz.....	<i>Ferreira da Silva</i>
AYRES GOMES DA SILVA, aio de D. Fernando.....	<i>Bravo</i>
VASCO MARTINS, alcaide do Castello.....	<i>Santos</i>
FERNÃO VASQUES, popular	<i>Ferreira</i>
SIMÃO VELLOSO, popular.....	<i>Silva</i>
UM PAGEM.....	<i>Umbelina</i>
1.º FIDALGO	<i>O'Sullivan</i>
2.º FIDALGO	<i>Pinheiro</i>

Fidalgos, damas, pagens, populares, bésteiros, etc.

LEONOR TELLES

ACTO I

Lisboa, 1371

Um salão gothico, no palacio real de Lisboa — Paços d'Apar S. Martinho. — De um lado portas para os aposentos da Rainha; de outro, janellas de vidros córados para a rua. Ao fundo um arco ou portão para os corredores. Na scena, uma meza, duas cadeiras de espaldar; môchos em roda da sala. Aos lados do arco, oito argolas de ferro, fixas, para tochas. E' ao anoitecer.

SCENA I

D. Diniz e Gil

(Ao levantar do panno D. Diniz passeia agitado. Gil espreita para a rua d'onde se eleva rumor).

Gil

Sois vós que revoltaes assim a populaça ?

D. Diniz

Quem, eu ? Não digaes tal.

Gil

Fazei-me então a graça,
De me dizer quem é que incita os mesteirae
A mostrar pela cinta os cabos dos punhaes ?
Quem leva a multidão que engrossa a cada instante,
A olhar para o paço altiva e provocante ?
E' a revolta surda o que essa rua agita :
Anda o bulhão occulto, a fraze é, baixo, dita,
Incerto o passo e o olhar... Não tendes percebido ?

D. Diniz

Já percebi.

Gil

Ah ! já ? E andai desprevenido,
Jogando loucamente a vida !

D. Diniz

Meu bom velho,
E' tarde para ouvir, agora, o teu conselho.

Gil

Não é tarde, por Deus, e haveis de ouvi-lo.

D. Diniz

Está combinado o assalto e... tu'lo mais é futil. Inutil.

Gil

Vão assaltar o paço?

D. Diniz

D'aquí a breve instante,
Para obrigar o rei a abandonar a amante.

Gil

Estão loucos! Vós entraes, tambem, na revolução?

D. Diniz

Defendo o nome ao rei, o rei é meu irmão!

Gil

O' principe, pensae que o vosso génio nobre
Póde abrir um abysmo em que o valor sossobre!
Socegae.

D. Diniz

Socegar! Bem o dizeis, não posso!
Arrancae-me do peito, a mágua, este alvoroço
De colera sem nome, ao vêr de como El-Rei
Infama, desprezando o alto estado, a lei,
O throno a Affonso Quarto e a Pedro o Justiceiro! (pausa)
O olhar fascinador, amante, feiticeiro,
Da adultera sem pudôr acorrentou lhe os braços:
Reino, honra, prazer, cifra u em seus abraços!
Os reis d'outras nações, ao ver a singeleza
Com que um pacto desfaz, sorriem da baixeza
Da palavra de um rei: chamam-lhe desleal,
Ingrato e traiçoeiro! O que é elle, afinal?
Palavras que soltar são todas refalsadas!
Leonor de Castella, a de Aragão, deixadas
Por uma vil cortezã que abandonou o dono,
Porque no amor do rei quissi divisa um throno,
E, um throno onde a ambição se possa reclinar,
Vale os beijos d'um filho e a mansidão do lar!
Que disse D. Henrique ao vêr, mais uma vez,
Quebrar sua palavra, El-Rei, um portuguez?!

Gil

Fingiu não ver a affronta e respondeu amavel,
Que era livre, em vontade. El-Rei...

D. Diniz

Um miserável!

Gil

Falaes de vosso irmão...

D. Diniz

A meu pae que fallasse,
Dir-lhe-hia o meu sentir, sem medo, face a face !

Gil

Mas que quereis, afinal ! Que pensaes concluir ?
Mandar n'essa mulher, ou a El-Rei coagir
A abandonal a ? Vós ? Pensaes que vosso irmão
Deixará seu amor, por vossa opinião ?
Ignoraes que lutar, quasi só, sem auxilio,
E' procurar, com fogo, a proscripção, o exilio ?
Deve-se, contra o irmão, voltar força e conselho ?

D. Diniz

Sim, deve ! Foste tu que m'o ensinaste, velho !
Tu, desculpando a Henrique a lucta audaz e brava
Para arrancar a amante ao conde Peres de Trava !
Tu, louvando, leal, porque se revoltou
Contra seu pae, El-Rei Affonso, meu avô
Para esmagar o júz de aliva bastardia !
Pois pode, contra a mãe, erguer-se a rebeldia,
Desfraldar o pendão ao vento das batalhas
E é crime ir arrancar, ás tenebrosas malhas
De adulterino amor, de um amor criminoso,
Um irmão que cegou ?

Gil

Crime, não ; é perigoso !

D. Diniz

Mas nas tuas lições de que fazes alarde
Jámais te ouvi dizer : pupillo, sê cobarde !

Gil

Oh ! não !

D. Diniz

E' um dever ; já que ella, a barregã,
Repudia o marido e os rogos da irmã,
E' preciso dizer bem alto a meu irmão :
Expulsa essa mulher do paço, quando não
Virem a arrancar t'a, aqui, da tua alcova,
P'ra a pendurar na fôrca !

Gil

A fôrca !

D. Diniz

Será mofa

Dar a essa senhora, alli, junto da egreja,
O mais alto logar, logar que ella deseja !

Gil

Mas fallae de vagar, aqui, dentro do paço,
Sabeis que a todo canto existe um ouvido, um laço...

D. Diniz

Fosse esse ouvido aberto á razão que te espanta
E o laço, o destinado a apertar-lhe a garganta !

SCENA II

Os mesmos e Maria Telles

Maria Telles

Cavalleiros, valei-me, Principe...

D. Diniz

Senhora,

O que vos traz assim ?

Maria Telles

A nova atterradora,
A colisão fatal de um drama tenebroso !
João Lourenço da Cunha entrou, mysterioso,
Ha pouco, no meu quarto.

Gil

O marido !

D. Diniz

O que quer ?

Maria Telles

Vem buscar minha irmã.

D. Diniz

Vem buscar a mulher !

Maria Telles

Mulher de El-Rei.

D. Diniz

D'El-Rei ?

Maria Telles

Do vosso irmão Fernando.

Ainda não o sabeis ? Pois andaes conspirando
Contra a rainha !

D. Diniz

Qual ?

Maria Telles

A vossa, minha irmã,
Que o é, perante Deus, desde hoje de manhã.
Se quereis saber, ouvi : era ainda noite, estava
Encostada á janella e meia noite dava,
No relógio da Sé. Uns homens embuçados
Sahiram do palacio, aos muros conchegados,
Pela porta que abre, em frente a S. Martinho.
Quem será ? penso eu. Debruço-me, mansinho,
E se o negro da noite impede o conhecer,
Distingo a voz do rei e um riso de mulher.
Entraram na egreja, em breve, uma luz baça

Vejo, tremeluzir, de esconço, na vidraça
Da janella fronteira. Então, meu pensamento,
Subito, adivinhou secreto casamento.
Ora, indo El-Rei, alli, é licito suppôr
Que a dama que o seguia...

D. Diniz

A vossa irmã, Leonor!
Então tem fundamento, é certo esse boato
Que correu na cidade?

Maria Telles

E' sim; mas o recato
Maior deve guardar-se.

D. Diniz

Em quê? Um casamento
Não é valido, assim.

Maria Telles

Mas é que, n'um momento,
Póde sabel-o o esposo e crêde, se o descobre,
Despreza-a: João Lourenço é cavalleiro e é nobre!

D. Diniz

Ides-lhes, então fallar?

Maria Telles

Dizer-lhe o que é passado,
Rogar a ultima vez! Ao sabel-o chegado,
Ao vêl-o, é natural que se commova e esqueça
A fatal ambição que lhe perde a cabeça!

D. Diniz

Como vos enganaes!

Maria Telles

Talvez.

Gil

Eil-a.

D. Diniz

Sentido.

Saiamos.

Gil

E' melhor.

Maria Telles

Enviai-me o marido.

(*Sahem D. Diniz e Gil*)

SCENA III

Maria Telles, e depois D. Leonor

Maria Telles

Tremo de lhe fallar; sinto-me mal, emfim...
(*Entra D. Leonor*)

D. Leonor

Maria.

Maria Telles

Ia fallar-te, agora mesmo.

D. Leonor

A mim ?

Vejamos em quê.

Maria Telles

O assumpto é já sabido,

E velho ; se o renovo . .

E' sobre meu marido.

Maria Telles

Esse mesmo, Leonor. Sou tua irmã mais velha,
O que primeiro nasce, em lei, é o que aconselha.
Peço-te, ainda uma vez, um acto generoso,
Que salve da vergonha o nome a teu esposo
E te arranque a uma lucta, em que podes cabir !
Tenho, em mim, o direito e o dever de vir . .

D. Leonor

O direito ?

Maria Telles

Reflecte ; o direito sagrado
De zelar o teu nome ha pouco deshonrado,
O teu nome e o meu ; o nosso, que tu vaes,
Olvidando quem és, o orgulho de teus paes,
Arrastar pela lama, onde a ambição te arrasta !
Ser amante de um rei ou d'um vilão . .

D. Leonor

Oh, basta !

Que pretendes de mim ?

Maria Telles

Obrigar-te a esquecer
A côrte, o rei, a vida em que te apraz viver,
Escandalosamente ! Forçar-te a abandonar
O paço pela casa, onde tens teu logar
Junto de teu marido ! Arranca de teu peito
A fugaz illusão de que dormir no leito
De um rei, traz um diadema ! O aborrecimento
Tem sempre por desfecho a cella de um convento !
Deixa de vez o falso e deshonesto trilho,
Vae para o teu solar, vive para teu filho !
E' este o teu dever !

D. Leonor (*ironica*)

Irmã o meu dever
Bem melhor que tu o sei comprehender.
Afianço-t'o eu. E's boa conselheira

Tens uma altiva voz, uma gentil maneira
De te fazeres impôr, de mandar, de pedir :
Mas deves confessar que também sei ouvir !

Maria Telles

Poupa-me o escarneo.

D. Leonor

Ouve : eu levo complacencia
A responder, serena, á tua impertinencia.
Nada existe entre mim e João Lourenço !

Maria Telles

Nada?!

D. Leonor

E' morta entre nós dois, toda a vida passada !

Maria Telles

Receio perceber. Tu zombas, certamente.
Só poderia a Igreja abrir tão de repente
O laço que te prende a teu marido e é dado
Supôr...

D. Leonor

Aberto o laço ? E' mais : está cortado !

Maria Telles

Não és sua mulher ? pois desfizeste a lei ?

D. Leonor

Não tenho esse poder. Foi D. Fernando, El-Rei!

Maria Telles

Não me enganei, então, suppondo que casaste
Esta noite !

D. Leonor

Casei. Tu, confiada ousaste...

Maria Telles

Mero acaso. Gosava a noite na janella
Era alto o vosso rir, faltou-vos a cautella.

D. Leonor

Estranhas-te m'o, porém... querias saber ao certo...

Maria Telles

(Aparece D. João Lourenço).

Queria saber se o inferno era p'ra ti aberto !

Saber se eras capaz de acção tão negra vil !

A fêra não engeita os filhos, no covil !

(Entra D. João Lourenço).

SCENA IV

D. Maria Telles, P. João Lourenço, e D. Leonor

D. João Lourenço

Mesmo quando o covil é aspera caverna !

Porque o amor de mãe, uma doçura eterna,

Que rebenta do peito em borbutões gigantes,
Encontra no soffrer as razões triumphantes
De uma dedicação, em que não ha limite !
Senhora, repeti. E' força que acredite
Que vem d'um peito humano uma tão negra affronta !
Conta-me essa vergonha, a minha, tanto monta !

D. Leonor

Acalmae-vos, senhor, e com prudencia ouvi-me :
Nem sempre um grande mal suppõe um grande crime.
Vim visitar Maria, El-Rei, assiduamente,
Frequentava da irmã a casa ; nobremente
Me rendia homenagem, amavel, lisonjeiro,
Como é uso fidalgo e lei de cavalleiro.
Esta côrte augmentou, tomou vulto maior
E, n'um dia, a meus pés, a confessar-me o amor
Pedi-me em troca o meu...

D. João Lourenço

Que sordido pedido :
Pedir a uma mulher a honra do marido !
E, vós ?

D. Leonor

Ouvi, por Deus, eu fui a malfadada
Que Deus determinou que essa paixão sagrada
Inspirasse a Fernando !

Maria Telles (*áparte*)
O' céus o que ella diz !

D. Leonor

Para causar, nutrir, juro que nada fiz,
Foi El-Rei que a sentiu e que a tornou ingente,
Elle só é culpado !

Maria Telles (*áparte*)
O' céus ! como ella mente !

D. Leonor

Expuz-lhe a situação em que iria cahir !
O ir-me sollicito ; impede-me o partir...

D. João Lourenço

Não me enganaes, senhora, é certo o que dissestes
Fostes assim leal, na lucta, que tivestes ?
Juraes ?

D. Leonor

Juro !

D. João Lourenço

Pois bem, eu a El Rei me vou ;
Ou fazel-o jurar que nunca vos tocou.
Ou saber, de uma vez, de Sua Senhoria
Que lei lhe permittiu a extranha maneebia !
Jural-o-ha, senhora, ou ai do seductor !

Maria Telles

Irmão que vos perdeis ; mentiu-vos sem pudôr !

D. Leonor

Maria !

D. João Lourenço

Que dizeis ? São mentiras venaes . . .

Maria Telles

Juro vol-o, por Deus, por alma de meus paes !
Perguntae ao donzel de Leonor de quando
Espreitava a occasião de seduzir Fernando ?
Perguntae a Diniz, Pacheco, á côrte inteira
Se a não vêem, ahi, alegre, prazenteira
Em caças e saíás ? Senhora já do paço
Humilhava-se a vós ! Era o final, o laço !
João Lourenço, sahi. Pode chegar El Rei !
Encontrar vos, aqui !

D. João Lourenço

Senhora, sahir-i !

Aniquila o impudor, a manha, a estranha fôrça,
Com que sabe mentir esta real congorça !

D. Leonor

Não vos tolero o insulto !

(*Entra um pagem*)

SCENA V

O pagem

El-Rei, minha senhora,
Dirige-se para aqui e manda perguntar,
Se o podeis receber, se lhe podeis fallar ?

D. Leonor

Dizei que sim.

Maria Telles

Irmão, sahi por Deus, sahi !
Que vos não veja El Rei !

D. João Lourenço

O amante vem, ahi,
E pertence-me a mim abandonar a praça !
E' tão vil o mister que chego a achar-lhe graça !
Deixae me vêr o rei que, sem sentir abalos,
Menospreza, sem pejo, a honra dos vassallos,
Que eu quero perguntar a Sua Senhoria
O que é n'elle maior, o vicio ou a cobardia ?!

SCENA VI

Entram pagens com tochas precedendo El-Rei.
Este vem após com Ayres Gomes da Silva. Seguem-se D. Diniz,
Gil, fidalgos e côrte

D. João Lourenço

Senhor !

D. Fernando

Vós, em Lisboa, aqui ? A que sois vindo ?